

Nota de Pesquisa

AS PEQUENAS CIDADES E O VISLUMBRAR
DO URBANO POUCO CONHECIDO PELA GEOGRAFIA

*LAS PEQUEÑAS CIUDADES Y EL VISLUMBRAR
DEL URBANO POCO CONOCIDO POR LA GEOGRAFÍA*

Elson Rodrigues Olanda

Prof. no Cepae/UFG, Doutorando em Geografia pela
UNESP - Campus de Presidente Prudente-SP.
Rua C. N. de Lima, 151, AP-901-A, Setor Negrão de Lima, Goiânia-GO, Brasil.
CEP 74650-030
elson.olanda@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe uma discussão relacionada ao tema das pequenas cidades. Quando se trata das cidades, em conjunto há uma concentração em poucas cidades médias e grandes, metrópoles e uma dispersão em numerosas pequenas cidades, portanto, considera-se relevante uma discussão a respeito de *concentração e dispersão*. A partir de uma referência demográfica são tecidas comparações do quantitativo das pequenas cidades no Brasil e em Goiás, tendo por referência o Censo Demográfico de 2000. A análise das pequenas cidades não é algo simples, visto que elas são heterogêneas, complexas e muito diferenciadas das cidades médias e ou das metrópoles. Nesse sentido requer do pesquisador, um olhar diferenciado daquele direcionado aos maiores centro urbanos.

Palavras-chave: Concentração; dispersão; pequenas cidades;

Introdução

Uma advertência inicial faz-se necessária, as reflexões constituem parte de uma pesquisa em andamento, portanto, são frutos de resultados iniciais, parciais, permeadas pelo caminhar pautado por dúvidas e incertezas. O que se propõe apresentar faz parte da

pesquisa realizada no curso de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente-SP, sobre o tema das pequenas cidades.

A temática em tela não é nova na geografia brasileira, renomados geógrafos demonstraram preocupação com a importância de estudos direcionadas às pequenas cidades, dentre deles Silva (1978); Santos (1979); Corrêa (1999). Atualmente as realizações de trabalhos com a referida temática têm ampliado seus espaços, embora tenha pouca visibilidade se comparados aos enfoques direcionados às médias e grandes cidades.

A produção de trabalhos com a temática das pequenas cidades pôde ser constatada, entre outras publicações, nos Anais dos dois últimos encontros nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE, 2005,2007) e no X Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB) realizado em Florianópolis, no segundo semestre de 2007; e no Caderno de Programação do XV Encontro Nacional de Geógrafos (AGB, 2008). Nesses encontros e simpósio nota-se a presença de trabalhos específicos sobre as pequenas cidades em todas as regiões do país, em níveis de Graduação e Pós-Graduação com diferentes concepções teórico-metodológicas.

O presente texto compreende três partes. A primeira, Pequenas cidades e os movimentos de concentração e dispersão tem como foco a importância das forças/movimentos de concentração e dispersão.

Na segunda parte, pequenas cidades: em que termos? A partir do recorte demográfico que considera para Goiás, pequenas cidades com até 20 mil habitantes, faz-se uma comparação do número de pequenas cidades no Estado de Goiás e no Brasil.

Nas considerações finais serão apresentados três pontos considerados significativos para empreender pesquisas cujo enfoque seja direcionado às pequenas cidades.

Pequenas cidades e os movimentos de concentração e dispersão

O urbano é aqui entendido de acordo com as elaborações de Lefebvre (1999, 2004), como abreviação da *sociedade urbana*. Esta sociedade foi possibilitada/gestada pela industrialização. Desse modo, a sociedade urbana é “assentada” numa base

material oriunda da atividade industrial, independentemente do fato dessa atividade estar presente diretamente nos diversos lugares, especialmente nas cidades. Dito em outros termos, uma cidade não tem, necessariamente, que ter indústrias para se integrar à sociedade urbana.

A materialidade, ou seja, a base material da sociedade urbana tem sua visibilidade principal, conferida nas cidades, contudo, estas são muito heterogêneas. A heterogeneidade das cidades ocorre porque a sociedade e suas bases material/social também são heterogêneas. Isto conduziu e conduz a uma produção/construção complexa das cidades.

As cidades surgiram e surgem, consolidam-se ou estagnam-se a partir de movimentos/forças de concentração e dispersão. Estas representam as dinâmicas sociais contemporâneas e pretéritas, sendo desse modo, ao mesmo tempo processos e resultados. Estes processos foram e são forjados em diferentes dimensões, tais como: política, econômica, demográfica; expressas no território, de forma contínua e descontínua.

Um pequeno núcleo urbano, se comparado com áreas rurais próximas, é uma área de concentração de pessoas e objetos, todavia, quando se trata das cidades em conjunto, de um modo geral, por um lado as forças/movimentos de concentração possibilitam a existência, em número menor, de metrópoles, grandes e médias cidades. Por outro lado, as forças/movimentos de dispersão possibilitam a existência de numerosas pequenas cidades (conferir esquema 01). Desse modo, chega-se a uma síntese: a *totalidade* da base material da sociedade urbana é “composta” pela concentração e dispersão, ou seja, duas forças/movimentos aparentemente antagônicas. São, portanto, forças/movimentos, contraditórias, desiguais e combinadas que produziram e produzem um determinado conjunto de cidades, visto que: “Os indivíduos ou grupos ocupam pontos no espaço e se distribuem de acordo com modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concentrado” (Raffestin, 1993, p. 150). Desse modo, os pontos concentrados podem ser as cidades em seus diversos tamanhos.

Esquema 01- Forças/movimentos no conjunto das cidades

Concentração → pequeno número de metrópoles, grandes e médias cidades.

Dispersão → numerosas pequenas cidades.

Concentração e Dispersão → conjunto das cidades

Num sistema urbano, as cidades são, ao mesmo tempo, condição e resultado das forças que atuam e atuaram na sociedade. Estas forças estão sempre em movimento dinâmico e constante, o que não inviabiliza os recortes espaciais e temporais necessários para os diversos estudos. Como já foi expresso no parágrafo anterior, estas forças/movimentos podem ser sintetizadas em dois, ou seja, a concentração e a dispersão. Uma cidade, por menor que seja constitui-se numa concentração de pessoas; concentração que pode ser denominada material com objetos diversos, edificações, habitações, automóveis, máquinas, etc.; e concentração imaterial com idéias diversas, valores religiosos e laicos, crenças, tradição cultural, conhecimento científico, ou seja, tudo isto pode ser exemplificado como concentração. Por outro lado, ao considerar uma rede urbana, as médias e grandes cidades são poucas e mais concentradas, enquanto há uma dispersão em numerosas pequenas cidades.

A hierarquia urbana não perdeu a sua importância, as relações hierárquicas entre as cidades continuam existindo, destarte, a complexidade das relações foi ampliada, pois uma cidade pequena pode se relacionar com outras de diferentes portes, próximas ou distantes, no plano nacional ou internacional, numa complexidade de escalas que vai muito além da relação hierárquica tradicional. Repetindo, a hierarquia não acabou, entretanto a teia das redes de relações constitui uma malha com uma urdidura cada vez mais complexa.

Pequenas cidades: em que termos?

As pequenas cidades constituem-se em grandes desafios para a pesquisa em Geografia no Brasil, por diversos motivos, um deles é a ausência, ainda, de uma produção acadêmica mais significativa sobre essa temática, mas há de ser levado em consideração que a urbanização brasileira também é algo novo, se se considera a longa

duração. Todavia, nos estudos relacionados com essa temática, os recortes demográficos, para classificar ou definir o que é uma pequena cidade são polêmicos.

Não é raro, para o Brasil contemporâneo, encontrar na literatura específica, recortes que consideram pequenas cidades com até 50 mil habitantes, o que não condiz com a realidade particular das cidades no Estado de Goiás.

Em alguns Estados brasileiros, uma cidade de 50 mil habitantes pode ser pequena, entretanto, em Goiás, sobretudo fora da Região Metropolitana de Goiânia e do entorno de Brasília, uma cidade com esse patamar de população não pode ser considerada pequena devido às funções que ela desempenha no conjunto das cidades do Estado. “Podemos considerar os núcleos populacionais de pequeno porte do estado de Goiás, localidades com menos de 20 mil habitantes, como núcleos urbanos e não como núcleos rurais” (Deus, 2004, p.192). Nesse sentido, acredita-se ser razoável considerar como pequenas cidades no Estado de Goiás aquelas com até vinte mil habitantes, recorte demográfico que também foi utilizado por Diniz e outros (2007) para classificação de pequenas cidades localizadas em áreas rurais de cinco países da União Européia (França, Países Baixos, Polônia, Portugal e Reino Unido).

Delimitado, neste trabalho, o que se considera pequenas cidades, pode ser realizada uma comparação entre o Estado de Goiás e o Brasil como um todo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007), 246 municípios goianos, 201 (81,7%) têm pequenas cidades, enquanto para o conjunto do Brasil, dos 5561 municípios, elas são 4074 (73,26%). Desse modo, conclui-se que as pequenas cidades são expressivas no país e para Goiás, o seu conjunto é ainda mais importante.

Quando se trata da população que vive nas pequenas cidades, nota-se também, que em Goiás, esses núcleos urbanos são mais expressivos que para o conjunto do país. No ano 2000, 13,4 % da população brasileira residia nas pequenas cidades, enquanto que em Goiás era 20, 67% , ou seja, 1/5 dos habitantes considerados urbanos habitavam nas pequenas cidades.

Pequenas cidades com um contingente demográfico similar podem guardar profundas e significativas diferenças em sua constituição ao longo da história e no processo espacial que culminou com a sua atual função no sistema urbano. Dessa forma, quais são os equipamentos e serviços urbanos que a cidade dispõe? Sua importância é

apenas local, ou ela extrapola os limites municipais e mesmo sendo pequena, alcança outras cidades?

Em uma pesquisa ampla sobre a rede urbana do noroeste de Paraná e suas pequenas cidades, Endlich asseverou que:

“Os pequenos centros urbanos não são iguais entre - si, pois possuem conteúdos diferentes que em alguns casos geram relações hierárquicas entre elas. Cidades com atividades comerciais e equipamentos de serviços públicos e privados um pouco mais diversificados funcionam como pólos microrregionais” (Endlich ,2006, p. 52),.

As afirmações de Endlich (2006) são importantes para uma maior clareza no entendimento de que entre as pequenas cidades, para além das diferenças, também há uma hierarquia. Se entre as metrópoles há diferenças no papel e significado, entre pequenas cidades também há profundas diferenças. E estas diferenças fazem com que determinadas pequenas cidades polarizem outras. As que polarizam foram denominadas por Endlich de *pólos microrregionais*. E as que são polarizadas pelos pólos microrregionais podem ser entendidas como cidades locais, de acordo com as definições de Santos:

A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço. [...] poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações. (Santos, 1979, p. 70-71)

As cidades locais dificilmente vão extrapolar os limites municipais e influenciar outras, visto que, desse modo, deixariam de ser locais. Elas são dotadas de equipamentos, bens e serviços mais simples, com bem sintetizou Santos (1979) e atendem às necessidades mínimas da população local. O que constitui as necessidades mínimas tem variado muito e de acordo com a intensidade da expansão da sociedade de consumo, cada vez mais são criadas e re-criadas necessidades, portanto, estas variam de acordo com o espaço e com o tempo. Em resumo, na *sociedade de consumo*, as necessidades mínimas são continuamente alteradas.

No Estado de Goiás, dentre as cidades pequenas, os pólos microrregionais são àquelas cidades pequenas, independentemente do quantitativo da população, que dentre

as suas funções, oferecem bens e serviços para as seus habitantes e para outras cidades pequenas.

Considerações finais.

Realizar pesquisas com temática das pequenas cidades no Brasil, de um modo geral e no Estado de Goiás, em particular, requer do pesquisador alguns esforços, dentre outros:

1. A obtenção de muitas informações e dados estatísticos deve ser feita *in loco*, visto que não há, sobretudo nas prefeituras municipais, uma base de informações sistematizadas e atualizadas. As informações oficiais registradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e outros órgãos oficiais, quando confrontadas com a realidade constatada em campo pode revelar surpresas derivadas, dentre outras, da dinâmica do movimento constante do mundo contemporâneo, cujas transformações são preponderantes em relação às permanências.
2. As referências para proceder aos estudos devem ser diferenciadas daquelas cujo enfoque são direcionados às metrópoles e às cidades médias. O olhar não deve ser condicionado pelo olhar metropolitano; o que pode passar sem evidência e sem importância numa cidade média ou grande pode ser expressivo numa pequena cidade. A título de exemplo, em muitas pequenas cidades, faz-se necessário compreender a dinâmica do município e do seu entorno imediato para buscar explicações do que ocorre no *espaço urbano*.
3. As pequenas cidades não constituem “*Eldorados de Paz e Tranquilidade*”. Elas podem ter amenidades, se comparadas às cidades grandes pode-se pensar de modo equivocado que seus habitantes vivem num marasmo. A relação tempo-espaço é diferenciada dos grandes centros, contudo as contradições e desigualdades socioeconômicas continuam presentes e articuladas em diferentes escalas.

Referências bibliográficas.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, ano 4, n.6, jan. - jun., 1999, p. 43-54.

DEUS, João Batista de. **O sudeste goiano e a desconcentração industrial**. Brasília: Ministério da Integração nacional, 2003 (Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas).

DINIZ, F. e outros. **O papel das pequenas e médias cidades no contexto do modelo de desenvolvimento rural: uma primeira abordagem**. Disponível em ><http://home.utad.pt/~des/mt/>> . Acesso em 10/10/2007.

ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 6, 2005, Fortaleza. **Anais eletrônicos CD-Rom**. Fortaleza: ANPEGE, 2005.

ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 7, 2007, Niterói. **Anais eletrônicos CD-Rom**. Niterói/UFF: ANPEGE, 2007.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 15, 2008, São Paulo. **Caderno de Programação**. São Paulo: AGB, 2008. 151 p..

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná**. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2006 (Tese de doutorado em Geografia).

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFGM, 1999.

_____. **O direito a cidade**. 3 ed.. São Paulo: Centauro, 2004. 145 p.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. As cidades locais no Terceiro mundo: o caso da América Latina. IN: _____. **Sociedade e espaço**: Petrópolis: Vozes, 1979. P. 69-75.

SILVA, A. C. Uma técnica de pesquisa no estudo de pequenas cidades. In: _____. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978, p. 100-103.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 10, 2007, Florianópolis. **Anais eletrônicos CD-Rom**. Florianópolis: UFSC, 2007.

Site

<http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores_sociais_municipais/tabela1a.shtm>. Acesso em 07/06/2007

Recebido para publicação em julho de 2008

Aprovado para publicação em agosto de 2008